

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

História, Literatura e Política:
O Muro De J-P Sartre

JOSUÉ MENDES ALVES

1712

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Ramos de Almeida
Coordenadora do Centro de Documentação e
Pesquisa em História - CDHIS

Josué Mendes Alves

**História, Literatura e Política:
O Muro de J.P. Sartre**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Hémetes Reis Araujo.

Uberlândia, Fevereiro de 2003.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Capítulo1.....	19
1. - O autor e sua época.....	21
Capítulo 2.....	28
1.– História e Literatura.....	28
2. – Literatura engajada francesa no entre guerras.....	29
3. – O Muro (1938).....	35
3.1. – Tese da Contingência.....	39
3.2. – Cenas do fuzilamento.....	41
Conclusão.....	45
Bibliografia	47

JOSUÉ MENDES ALVES

História, Literatura e Política:
O Muro de J-P. Sartre

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo – Orientador

Profa. Dra. Carla Adriana M. Bessa

Prof. Dr. Simeão Donizeti Saas

*Dedico este trabalho à
memória de Maria, minha
mãe, que arriscou sua vida
para que eu viesse ao mundo.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, tornariam estas páginas algo gigantesco, mas não poderia deixar de agradecer, os amigos que estiveram presentes nesta ultima etapa.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos Professores do curso de história por contribuírem em minha formação acadêmica e em especial o professor Dr. Hermetes Reis Araújo pelo estímulo e atenção, dedicada para a confecção deste trabalho;

ao secretário João Batista pela paciência, presteza e bom humor, sempre apto a dar uma palavra amiga no decorrer de todo o curso.

Especialmente, meus irmãos, Marta, Ilma, Enoque e Jessé, exemplos de apoio incondicional, que só uma família pode dar.

E por ultimo alguns dos colegas que fizeram valer a pena chegar até aqui, em particular: Dorian, Geraldo, Heleno e Eliane.

Sem esquecer Deus; sempre comigo.

RESUMO

Este trabalho busca resgatar a importância do conto *O Muro* (1938) do intelectual Jean-Paul Sartre (1905-1980) e discutir a sua pertinência como obra engajada no momento da Guerra civil Espanhola (1936-1939). Tendo como base a mediação entre História, Literatura e Política.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho visamos discutir a importância do autor Jean-Paul Sartre durante o período definidor de sua carreira como intelectual e escritor. Apesar das discussões levarem em conta um Sartre engajado após a Segunda Guerra Mundial, podemos já notar numa obra anterior a este período, elementos que revelam a ligação do autor com a literatura politicamente engajada. Esta obra é o conto *O Muro*, publicado pela primeira vez em 1938, e que é objeto de discussão desta monografia.

A preocupação política viria a ser o principal elemento de seu engajamento enquanto escritor. E esse conto, que relata o episódio de um fuzilamento ocorrido durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), contém vários dos elementos que marcariam a escritura literária de Sartre. *O Muro* não seria o último trabalho em que o autor resgata a Guerra Civil Espanhola (ele também busca o mesmo cenário do pré-Segunda Guerra em seu livro *A Idade da Razão*). *O Muro* aborda o fuzilamento de resistentes republicanos pelos falangistas de Franco. Apesar desse texto não ser do período do Sartre militante político, ele contém as premissas filosóficas e literárias que caracterizariam o filósofo e literato engajado Jean-Paul Sartre.

Como apreender as questões que esta obra literária nos fornece enquanto produto representativo de uma época, carregada de problemas fundamentais para a história política e cultural do século XX ?

A apreensão dessas questões pode ser obtida através de estudos sobre as relações literatura e sociedade. Nesse sentido, os trabalhos de Antônio Cândido, notadamente o texto *Literatura na evolução de uma comunidade*, coloca uma observação pertinente ao nosso objeto:

(...) toda obra é pessoal, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tomando-se uma "expressão". A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem) e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento- para chegar a uma comunicação.¹

E é essa comunhão em relação ao momento histórico que Sartre irá manifestar em seu conto *O Muro*. Mas existe uma relação diferente entre a utilização de uma documentação tradicional (jornais, arquivos, depoimentos, etc.) e a da obra literária para o historiador. Candido faz essa distinção em *Crítica e Sociologia*. Neste texto ele coloca a relação que desejamos estabelecer no tratamento com nossas fontes: ou seja, trabalhá-las como um reflexo da realidade social, tanto quanto um fenômeno independente desses mesmos condicionamentos sociais. Duas visões que não estão dissociadas no exercício da crítica. Porém, nosso objetivo direciona esta pesquisa sobre esta obra de Sartre para o primeiro termo porque,

(...) é preciso estabelecer uma distinção de disciplinas, lembrando que o tratamento externo dos fatores externos[o social] pode ser legítimo quando se trata de sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor [estético] da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento. Cabe-lhe, por exemplo, pesquisar a voga de um livro, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as idéias, a influência da organização, social, econômica e política, etc.²

¹ Nesse artigo ele faz uma relação entre a criação literária paulista e o local onde ela é produzida, revelando seus elementos. Ver: CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*, 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, p. 127-151.

² CANDIDO, Antônio. *Op. cit.* p. 06

Especificamente, queremos estabelecer a importância de uma obra relacionada com o contexto histórico da França em 1938, através de um escritor, que registrou os acontecimentos de uma forma particular, como maneira de ação sobre a sua realidade. Através dessa atividade - a escrita -, Sartre deixou uma obra que antecede seu engajamento efetivo. Porém neste tipo de análise, como salientou Candido, deve-se tomar cuidado para que,

(...) o pendor da análise [não] oblitere a verdade básica, isto é, que a precedência lógica e empírica pertence ao todo, embora apreendido por uma referência constante a função das partes. Outro perigo é que a preocupação do estudioso com a integridade e a autonomia da obra exacerbe, além dos limites cabíveis o senso da função interna dos elementos, em detrimento dos aspectos históricos – dimensão essencial para apreender o sentido do objeto estudado.³

Dessa observação decorre comumente a utilização da análise crítica em literatura para a história, em algumas modalidades que relacionem: 1º) o conjunto de uma literatura, um período, um gênero com as condições sociais; 2º) verificação da medida daquilo que as obras espelham ou representam a sociedade; 3º) a relação entre a obra e o público; 4º) a posição e a função social do escritor; 5º) a função política das obras e dos autores; a investigação hipotética das origens, da literatura em geral ou de determinados gêneros.

E como Candido salienta que:

(...) em todas [essas possibilidades de análise] nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade.⁴

³ CANDIDO, *op. cit.*, p. 09.

⁴ *Idem*, *op. cit.*, p. 12.

Pôr isso, esta mais do que claro a relação da literatura como expressão de uma sociedade e como um possível foco de análise do historiador. Não podemos esquecer que o autor do texto estudado em questão, também se coloca dentro de uma função social específica: o intelectual.⁵

Mas como sabemos, a função social do intelectual esta intimamente ligada a posição que ele ocupa no seu grupo social, isto é, o destaque que é dado a ele por seu grupo, e a inserção diante da sociedade em geral. Para compreender esse aspecto, que justifica a utilização deste indivíduo (Sartre) é que utilizamos a contribuição Candido quando este critico salienta o aspecto subjetivo dentro do grupo, na relação individual/social:

(...) Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a essa circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas.⁶

Cândido ressalta a importância da obra literária como um produto da sociedade, que incorpora em seus elementos internos, questionamentos a respeito da realidade de um momento na história.

O historiador Jean Starobinski por sua vez observa, no trabalho com o texto literário, uma dualidade, que leva em conta o historiador e o objeto da pesquisa, e

⁵ Ver: GRAMISCI, Antônio, "A formação dos intelectuais". In: *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 03-23.

⁶ CANDIDO, *op. cit.* p. 23.

o diálogo entre os dois não pode nunca ser suplantado pelas impressões do texto, ou pela vontade do pesquisador em dar sentido a seu material.

Essa tarefa de restituição crítica da importância da obra, leva em conta a sua exterioridade em relação aos acontecimentos sociais. Permite ao resgate histórico deixar o texto afirmar todas as suas potencialidades, para então observá-lo como documento:

(...) que sobe o curso do tempo ou que alarga o espaço percebido (segundo vias previstas ou imprevistas que se oferecem a pesquisa), pode muito bem associar-se uma restituição que se esforça por descrever e por em evidência os caracteres internos da obra. Não é difícil demonstrar que a pesquisa histórica e descrição estrutural são interdependentes.⁷

Por isso, o texto literário torna-se o norte da pesquisa, é nele que encontramos o sentido de nossas perguntas, revelando suas possibilidades e mantendo o limite de nossas indagações; porque

(...) um texto é uma totalidade relativamente limitada, cujos elementos constitutivos podem ser legitimamente relacionados uns com os outros: ele exige uma análise interna cujos resultados, ainda que muito variáveis segundo os fatores e os níveis considerados [pelo historiador], são sempre passíveis de um controle bastante preciso. Pois o texto tem direitos sobre o que se diz a seu respeito; ele representa, para o discurso interpretativo, um ponto de referência que é impossível abandonar. Quando o cita, o interprete compromete-se a dedicar-lhe a mais completa atenção. O recurso permanente do retorno ao texto permite o leitor verificar se são justos a análise e o comentário.⁸

O texto literário sendo um produto social, suas abordagens nos remete para a ligação que ele possui com a exterioridade (o social e o histórico).

⁷ STAOBINSKI, Jean. "A literatura: o texto e seu interprete". In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História : novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p 134.

⁸ STAROBISKI, *opus cit.* p. 139.

*(...) Ninguém poderá contentar-se em buscar a lei que reina no interior de um texto; explorando o mundo interior, necessário será perceber todas as contribuições, todos os ecos externos. Há uma incitação ao ir e vir. A atenção que se presta ao interior nos traz o exterior. Pelo seu próprio feitio arbitrário, o caráter fechado do texto torna inevitável o movimento de abertura.*⁹

Mas o texto literário também é portador de um discurso, situado num momento. Revela a experiência social do autor em seu processo criativo. Sendo assim, a literatura não pode fugir ou deixar de participar direta ou indiretamente da estrutura social em que ela é construída, pois como diz Nicolau Sevcenko:

*(...) Falar, nomear, conhecer, transmitir, esse conjunto de atos se formaliza e se reproduz incessantemente por meio da fixação de uma regularidade subjacente a toda ordem social: o discurso. A palavra organizada em discurso incorpora em si desse modo, toda a sorte de hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos as estruturas sociais de que emanam.*¹⁰

Sevcenko também nos chama a atenção para a exigência metodológica que coloca o texto literário como objeto de pesquisa para o historiador, e é diante dessa

*(...) exigência metodológica (...) que se prescreve a toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto dos significados condensados na sua dimensão social. Afinal, todo escritor possui um espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam.*¹¹

⁹ STAROBINSKI, *opus cit.* p. 139-140.

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. "Introdução". In: *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 19.

¹¹ SEVCENKO. *Op. cit.* p. 20.

Mas cabe a quem dispõe do texto do autor, saber administrar as diferenças entre o trabalho do historiador e o universo de criação do literário, segundo o recorte e conexões que vai construir na sua pesquisa. Sevcenko deixa claro que,

*(...) ocupa-se portanto o historiador da realidade, enquanto que o escritor é atraído pela possibilidade. Eis aí, pois, uma diferença crucial, a ser devidamente considerada pelo historiador que se serve do material literário.*¹²

Sevcenko na obra citada, faz o resgate da realidade tendo o material literário de Euclides da Cunha e Lima Barreto como documentos. Assim este historiador reconstroi o universo social e as questões em debate durante a 1ª República no Brasil. Uma conduta de posicionamento é notada no Sartre d'O Muro, quando ele opta pelo tema da guerra na Espanha. Esse posicionamento em relação as questões de seu tempo é uma postura que ele assumiu cada vez mais, através da sua literatura. Assim ele teve um papel preponderante na difusão de um tipo de literatura engajada¹³, que dominaria as duas décadas seguintes à 2ª Guerra Mundial na França.

Em *O Autor como Produtor*, Walter Benjamin, conferencia sobre o papel do escritor engajado, esclarecendo que o escritor e "seus produtos, lado a lado com seu caráter de obras, devem ter antes de mais nada uma função organizadora".¹⁴ Nesse trabalho, Benjamin ressalta a característica jornalística que o texto engajado deve possuir. A urgência do momento e sua parcialidade, são seus elementos constitutivos.

¹² SEVCENKO, *op. cit.* p. 21.

¹³ Sartre não é o primeiro a pretender engajar a literatura. Para uma observação ao longo da história, dos vários tipos de literatura que se pretendem engajadas ver: DENIS, Bernoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.

¹⁴ BENJAMIM, Walter. O autor como Produtor. In: *Magia e Arte, Técnica e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 131-132.

Sartre escritor, representou essa tendência com uma característica particular. Ele a manifesta, através da tomada de posição do escritor diante dos acontecimentos políticos e sociais de seu tempo. Revelando o mundo a seus leitores contemporâneos, exigindo um posicionamento deles, ele expôs a questão do seu engajamento da seguinte forma:

(...) O escritor "engajado" sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana.¹⁵

Para que a ação do escritor, tenha eficácia é necessário ter o respaldo do público. E no exercício de escrever, Sartre estabelece uma relação entre o escritor e público. Mas esse público possui exigências, pois

(...) sou escritor primeiro lugar por meu livre projeto de escrever. Mas de imediato vem o seguinte: eu me tomo um homem que os outros homens consideram como escritor, isto é, que deve responder a certa demanda e se vê investido, de bom grado ou à força, de certa função social. Qualquer que seja o papel que ele queira desempenhar, tem de fazê-lo a partir da representação que os outros têm dele. Pode querer modificar o papel atribuído ao homem de letras numa dada sociedade, mas para mudá-lo é preciso primeiro se amoldar nele. Além disso, o público intervém, com seus costumes, sua visão do mundo, sua concepção da sociedade e da literatura no seio da sociedade; cerca o escritor, investe-o, e suas exigências, imperiosas ou sorrateiras, suas recusas, suas fugas são os dados de fato a partir dos quais se pode construir uma obra.¹⁶

Sendo possível a partir da sua ligação com o público estabelecer as linhas do seu engajamento, Sartre esclarece que ao trabalhar com significações e manejar signos, ele é um homem que possui liberdade e se dirige à liberdade dos

¹⁵ SARTRE, Jean-Paul. *Que é Literatura?*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 20-21.

¹⁶ SARTRE, *op. cit.*, p.62.

leitores. E a liberdade do autor permite ao historiador perceber uma das possíveis visões sobre um acontecimento histórico.

(...) Pois não se pode exigir de mim, no momento em que percebo que minha liberdade está indissoluvelmente ligada à de todos os outros homens, que eu a empregue para aprovar a servidão de alguns dentre eles. Assim, quer seja ensaísta, panfletário, satirista ou romancista, quer fale somente das paixões individuais ou se lance contra o regime social, o escritor, homem livre que se dirige a homens livres, tem apenas o único tema: a liberdade.¹⁷

Seu artigo sobre o engajamento da literatura busca situar a função do autor dentro de seu tempo e sociedade após a 2ª Guerra. Seu intuito é questionar o público em sua liberdade, para que ele reflita sobre a sociedade do momento. Estas são as questões que nortearão os capítulos seguintes, numa perspectiva que aborda a obra *O Muro* de Sartre, como participante de um momento na sociedade francesa e européia, e contendo elementos que denotam as inquietações do autor como elemento participante dessa sociedade. A observação desses elementos será nossa pretensão.

X X X

No primeiro capítulo estabeleço uma relação entre o autor e sua formação, através de uma explanação de sua vida de maneira geral, dando ênfase a

¹⁷ SARTRE, *op. cit.*, p. 52.

trajetória pessoal que o constitui como intelectual. Para marcar algumas de suas posições e observações como escritor e filósofo, busquei apoio nas biografias de Annie Cohen-Solal¹⁸, e Bernad-Henri Lévy¹⁹. Esses dois autores procuram estabelecer uma relação de Sartre em todos os seus aspectos como pensador (filosofia, militância política, literatura, jornalismo, etc.) e com os acontecimentos mais importantes de sua vida. Utilizando os depoimentos de Sartre dados a Simone de Beauvoir em 1974 que estão contidos em *A cerimônia do Adeus*.²⁰

No 2º capítulo procurei estabelecer o debate tendo como base o livro de Bernoît Denis em *Literatura e Engajamento*²¹. Com esse livro situamos o engajamento na literatura, apresentando sua tendências de maneira geral (comprometimento com a situação política e social do momento), dando ênfase ao movimento da literatura francesa no momento de produção d'O Muro em 1938, diante da referência do que ocorria na literatura do pré guerra e comentando a obra do escritor.

Nesse sentido, Otto Maria Carpeaux em *História da Literatura Ocidental*²², deixa um quadro sobre a multiplicidade de autores que tratavam especificamente do tema da Guerra Civil Espanhola. Autores que se posicionaram ao lado dos Republicanos.

Assim podemos entrar nos aspectos que são trabalhados no Sartre do Muro em 1938, observando um pré engajamento, apontando o início do que seria sua marca durante os anos seguintes a 2ª Guerra. Isto é, o envolvimento daquele que

¹⁸ COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre*. Porto Alegre: L & PM, 1986.

¹⁹ LÉVY, Bernard-Henri. *O Século de Sartre: inquérito filosófico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

²⁰ BEAUVOIR, Simone de. *A Cerimônia do Adeus, seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre (agosto setembro de 1974)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

²¹ DENIS, Bernoît. *Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.

²² CARPEAUX, Otto Maria. *Literatura e Realidade: tendências contemporâneas História da Literatura Ocidental*. v. VII. Rio de Janeiro: edições o Cruzeiro, fev. 1966.

escreve, em questões do momento que envolveram a sociedade e suas escolhas. Colocando seus posicionamentos diante dessas questões, emprestando sua capacidade como escritor para exigir que a sociedade se posicione também.

Os apontamentos de Eric J. Hobsbawm em *a Era dos Extremos*²³, serviram de parâmetro para situar os acontecimentos da Espanha e seus setores envolvidos. Os livros de Herbert Lionel Matthews²⁴ em *Metade da Espanha Morreu* e de Ian Gibson em *A Nova Espanha*²⁵, que abordam especificamente o confronto que determinou alguns aspectos políticos que levaram a 2ª Guerra, também nos serviram de subsídio para este estudo.

E por fim, utilizei o conto de Sartre, *O Muro*, como documento, apontando as questões abordadas por ele naquele momento da história.

²³ HOBBSWAM, Eric J. *A era dos Extremos: o breve século XV: 1914-1991*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.

²⁴ MATTHEWS, Herbert Lionel. *Metade da Espanha Morreu: uma reavaliação da Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

²⁵ GIBSON, Ian. A república, A Guerra Civil e o Regime de Franco (1931-1975). In: *A Nova Espanha*. São Paulo: Globo, 1992.

CAPÍTULO 1

Compreender um pensador francês do século XX como um objeto específico, tendo como preocupação a sua contribuição na literatura, mas, principalmente, o momento que torna sua concepção de literatura um marco e modelo para outros escritores, é de suma importância para percebermos como a sociedade traz à baila novos personagens. O trabalho individual de Sartre ao compor suas obras literárias, está intimamente ligado as transformações por que passavam a sociedade francesa e européia naquele momento.

Do período entre guerras até o final da 2ª Guerra Mundial a sociedade francesa passou por uma transformação sem precedentes em seu meio político e intelectual com o surgimento de novas forças e referências no cenário nacional²⁶. Após o grande conflito, Jean-paul Sartre se apresentará como referência de intelectual engajado para a sociedade. E mesmo que suas posições e idéias não sejam aceitas por todos os seus membros, é inegável a sua influência e contribuição no cenário literário e político francês durante a Segunda metade do século XX.

Neste capítulo buscamos compreender o início que marca a sua tomada de posição em favor de um engajamento literário, utilizando uma obra (que apresenta alguns indícios, de forma embrionária, do seu engajamento) do período final do entre guerras (*O Muro* de 1938). E buscamos através desta obra o momento revelador da visão do escritor sobre as urgências da sociedade na qual ele se inscreve. Assim, o exercício de verificar a abordagem da sua literatura em relação as

²⁶ O general Charles De Gaulle será o grande herói da libertação francesa, assim como os comunistas pelas suas lutas contra o fascismo, terão o respaldo da sociedade francesa pós guerra.

questões postas nessa sociedade e a construção que ele como escritor e elemento participante dela realizou, recua o marco entre um Sartre engajado para o período anterior à Segunda guerra Mundial.

Sartre como elemento de um grupo: o intelectual. Ele representou a vontade de mudança, traçou objetivos e trilhou caminhos que denotam a participação e inserção do intelectual na sociedade contemporânea de forma mais incisiva, pois sua prática individual nem sempre esteve de acordo com o seu grupo social de origem.

Para situar a importância da sua representatividade na sociedade francesa e mundial, é necessário esclarecer algumas facetas desse pensador. Estas facetas trazem a carga ideológica de seu meio e construíram Sartre como o intelectual *tout court* do século XX, pelas suas propostas, pela sua militância em favor das mais variadas causas (descolonização, contra o racismo e a tortura, América Latina, etc.), que transformaram em ação, o pensamento, sensibilizando e agitando a opinião e a prática de seus contemporâneos.

Tratar Sartre por compartimentos, separando o escritor, do político e do filósofo, seria ignorar o seu elemento constituinte maior, o homem de seu tempo. Ele representou, e foi um homem de seu tempo, em sentido mais profundo. Ele questionou o sentido da existência individual no mundo em sua filosofia, tentando a compreensão de si mesmo como elemento de um grupo que detinha o poder da palavra, estimulando a reflexão e a ação em sua realidade.²⁷

Esse capítulo visa uma rápida explanação de seus dados biográficos, com o intuito de esclarecer algumas de suas posições no período que estudamos.

²⁷ Para uma melhor compreensão de Sartre e da sua posição de intelectual em relação a sociedade, ver: SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos Intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

1. - O AUTOR E SUA ÉPOCA.²⁸

Jean-Paul Sartre nasceu em Paris, a 21 de junho de 1905, filho de Jean-Baptiste Sartre, um oficial da marinha francesa. Oriundo da burguesia rural do meio oeste da França, após sua formatura na escola politécnica de Paris, abandona as benesses da família do interior, que na tradição burguesa amealhou considerável riqueza material, mediante casamentos e favores políticos. Sua mãe, Anne-Marie Schweitzer, pertence a outra família burguesa da região da Alsácia Lorena, região leste da França. Filha de um professor de alemão, seguidor da educação nos moldes da reforma feita na França no fim do século XIX, marcada pela separação entre Igreja e Estado.²⁹

Com a morte do pai, a mãe retorna para a casa de seus pais e logo seu avô se incumbiu de realizar a sua educação. É o surgimento do universo das palavras para o menino. Sartre descreve em livro autobiográfico esse período que vai de 1912 a 1917³⁰. É nesse período que o autor elabora seu projeto de vida: ser escritor. Diante desse ambiente protetor ele mergulha no universo das palavras horas a fio sob a tutela do avô. Sua infância burguesa dá-lhe condições necessárias para exercitar a atividade criativa no campo da literatura, sendo aplaudido pelos familiares, mas observado com cautela pelo avô.

²⁸ Para este capítulo, utilizei como referência a biografia de Annie Cohen-solal. Neste livro ela resgata os pormenores da vida de Sartre, pouco antes do nascimento até o momento depois de sua morte, utilizando de todos os materiais disponíveis (arquivos, depoimentos, obras, jornais, entre outros). Ver: COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre*. Porto Alegre: L & PM, 1986.

²⁹ Ver: HOBBSAWM, Eric. J. "quem é quem ou as incertezas da burguesia" In: *Era dos Impérios*. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 233-269. Nesse capítulo o autor nos dá um quadro das transformações que estavam ocorrendo no final do século XIX, na França. Uma das principais transformações seria a separação entre Igreja e Estado, que possibilitou ao governo francês fazer uma reforma educacional.

³⁰ Neste livro autobiográfico, Sartre procurou descrever os primeiros anos de sua vida, onde define o que faria quando adulto: seria escritor. O livro se divide em duas partes, Ler e Escrever. Cf. SARTRE, Jean-Paul. *As Palavras*. São Paulo: DIFEL, 1963.

No entanto, sua mãe casa-se novamente e muda para a cidade portuária de La Rochelle, o garoto não se entende com o padrasto e logo é mandado para seu antigo colégio em Paris, mas agora no regime de internato. Ali ele encontra velhos amigos. Alguns destes representarão um papel importante na sua trajetória como intelectual, Paul Nizan será um deles como Sartre relata nas entrevistas dadas em *A cerimônia do Adeus*³¹. Nesse ambiente ele buscou acompanhar seus colegas em leituras de autores contemporâneos na moda: Marcel Proust, Paul Valéry, Jean Girandoux, entre outros.

Aos 18 anos em 1924, ingressa com dificuldade na Escola Normal Superior (E N S), bastião da elite cultural francesa, de origem burguesa e formadora de quadros técnicos para o sistema educacional, político e econômico da 3ª República Francesa. Opta pelo curso de filosofia, instrumentalizando-se para o projeto de ser escritor³². Assim ele segue um caminho político distinto ao de seus colegas, cujas tendências começaram a ser marcadas pelo Marxismo naquele momento da década de 20 (revolução bolchevique de 1917).

Nesse momento Sartre afasta-se de seu círculo de amizades e chega a ler mais de trezentos livros por ano, segundo os arquivos da ENS³³, absorve com voracidade as leituras que se impõe, e ao mesmo tempo manifesta desagrado pelas aulas da ENS. Mas realiza os exames finais e paulatinamente desenvolve sua formação como escritor. Escreve para revistas literárias estudantis, esboça alguns romances e contos, como fazia na adolescência.

Mas agora, busca forma e profundidade (data desta época a publicação de *Legende de la Verité*), explora temas ligados a

³¹ BEAUVOIR, Simone de. *A Cerimônia do Adeus, seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre* (agosto/setembro de 1974). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 179-180.

³² BEAUVOIR, op. cit., p. 190; 217

³³ COHEN-SOLAL, op. cit., p. 102.

Contingência (esse tema irá mobilizá-lo durante o início de sua carreira como escritor), deseja saber tudo sobre vários assuntos, assiste a novos filmes e escreve empolgados ensaios sobre esse tema, tornando-se um adepto desse meio de comunicação. O que justifica a sua aproximação ao cinema, é a linguagem, praticada em *Os Caminhos da Liberdade: Sursis* de 1945, inspirado nas técnicas simultaneístas (várias estórias num mesmo romance, e que possuem cortes de uma ação para a outra dos personagens) de John Dos Passos.

Durante esse período o autor vê seus amigos se distanciarem no campo teórico. Sartre torna-se um trabalhador intelectual de fôlego. Mas seu envolvimento com a literatura e filosofia na época de estudante deixam-lhe um ranço de negatividade, próprio do sentimento pós 1ª Guerra.

Uma demonstração desse aspecto em Sartre, encontramos quando de uma resposta sua no jornal *Les Nouvelles Littéraires*, sobre “os estudantes de hoje”:

(...)O paradoxo do espírito é que o homem, que tem obrigação de criar o necessário, não consiga também se elevar ao nível do ser, como esses adivinhos que prevêem o futuro alheio e não o deles. É por isso que, tanto no fundo do ser humano como no da natureza, só vejo tristeza e tédio... Somos tão livres quanto queiram, mas impotentes... quanto ao resto, a vontade do poder, a ação, a vida, não passam de ideologias vãs. Não existe em parte alguma a vontade do poder. Tudo é fraco demais: todas as coisas estão fadas a morrer. A aventura, principalmente, é um engodo; me refiro a essa crença em conexões necessárias que entretanto existiriam. O aventureiro é um determinista coerente que se supõe livre... Nós somos mais infelizes, porém mais simpáticos.³⁴

³⁴ COHEN-SOLAL, *op. cit.*, p. 104.

Nesse mesmo tempo temos indicações das leituras feitas, no período de formação do jovem Sartre, referente a construção de seu arcabouço teórico:

(...) Bergson ajuda Sartre a basear sua filosofia em sua própria experiência interior; Descartes assegura a dimensão racional dessa filosofia do sujeito; Platão, por sua vez, acrescenta os elementos estéticos. O que ele constrói aqui, a partir de todas essas leituras, é seu próprio sistema, uma forma de realismo psicológico: conceituação de sua experiência interior e fundamento de seu projeto estético. A filosofia seria, de certa maneira, uma introdução à psicologia e a criação romanesca.³⁵

Dentro desse cabedal de saberes, Sartre chega ao mestrado em 1928, e é reprovado. Mas no ano seguinte consegue o 1º lugar com mérito. O 2º lugar foi de uma moça que se tornará sua parceira intelectual pelo resto da vida. Simone Bertrand de Beauvoir, que formará juntamente com Sartre, um grupo de intelectuais de renome, dentre eles Maurice Merleau-Ponty, Paul Nizan, Raymond Aron e outros.

Porém, surge a obrigação do serviço militar. Sartre alista-se como meteorologista de Segunda classe, após tentar uma dispensa e planejar a ida para o Japão como catedrático assistente. Mas tem ambas intenções frustradas. Após o serviço militar é designado para lecionar no distrito do Havre.

E como professor passará quase todo o tempo neste local, de 1931 a 1936. Somente sai de lá quando consegue uma bolsa de estudo para o Instituto Francês de Berlim em 1933, a fim de aprofundar-se na filosofia de Edmond Husserl, que já chamava sua atenção em meados de 1932. Aliás, numa célebre passagem de sua biografia, Raymond Aron sugere que a filosofia fenomenológica pode dar respostas a suas indagações

³⁵ COHEN-SOLAL, *op. cit.*, p. 104.

filosóficas sobre a *Contingência*³⁶ através do recurso da *Intencionalidade*.³⁷

Durante esse período Sartre, irá estudar profundamente os conceitos e teorias da fenomenologia, formando uma base para as análises filosóficas que marcam seus primeiros trabalhos em filosofia ao mesmo tempo que presencia as manifestações do nazismo como política de Estado. Depois do período de estudos em 33 na Alemanha, o autor retorna para o Harvre. É uma década em que ele fica imerso nos estudos filosóficos, afastando-se de seu projeto original de ser escritor. São marcantes suas preocupações filosóficas relacionadas à Fenomenologia nesse período, como podemos notar nos seus ensaios: *A Imaginação*, *O imaginário*, *A transcendência do Ego*. Estudos baseados na fenomenologia de Husserl e influenciados pela linha seguida por Martin Heidegger.³⁸

Em 1936, sai do Harvre e vai para Paris, continua como Professor no Liceu Pasteur, onde suas possibilidades de sucesso na carreira literária aumentam. Tendo escrito alguns contos referentes ao tema da *Contingência* (dessa época data o manuscrito que deu origem à *Náusea*, chamada primeiramente de *Melancholia*). Sua carreira no mundo literário tem alguns horizontes promissores. Escreve ensaios literários de filósofos e escritores franceses e autores americanos até então desconhecidos do grande público francês, como Wilhem Faulkner e John Dos Passos³⁹. Na

³⁶ A *Contingência* pode ser entendida como a condição que não é passível de sabermos, um futuro que não é possível prever. Ela se revela somente no momento em que é manifesta, sendo pura gratuidade. Seu oposto é a *facticidade*, que pode ser encarado como a condição concreta em que uma pessoa se encontra, isto é, nascer em determinado lugar, em determinada família, e em determinado tempo na história.

³⁷ Para Husserl, toda consciência é intencional, isto é, toda consciência é consciência de algo, tende para fora, para um objeto, no caso de Sartre seria a existência concreta, o ser no mundo.

³⁸ GILES, Thomas Ranson. Sartre: Da Fenomenologia para o Existencialismo. In: *história do Existencialismo e da Fenomenologia*. v. II. São Paulo: EDUSP, 1975. p. 296-313.

³⁹ Esses ensaios são encontrados no primeiro volume de *Situações*, contendo os principais escritos de Sartre durante essa época.

sua formação, algumas das obras desses autores exercerão marcante influência no seu estilo.

Mas Sartre aparentemente permanecia alheio e fugidio, quando se trata de encampar as lutas do momento. Recusa o convite de um aluno (Jacques Laurent Bost) para participar de passeatas da Frente Popular que levaria Leon Blum a presidência como o primeiro intelectual de orientação socialista a governar a França em 1936. Apoia as manifestações dos operários, mas não participa de suas manifestações. Limita-se a fazer anotações sobre um personagem baseado em seu aluno(Bost), quando este vem lhe pedir ajuda para se alistar nas fileiras da Brigada Internacional e combater os golpistas na Espanha.

Sartre aconselha seu aluno a procurar Nizan, que o encaminha para falar com Malraux.

(...) Para Bost, o caminho que leva à Espanha termina em Malraux, mas Sartre tira desses fatos alguns dados para aproveitar n' O Muro, que tudo indica, foi escrito nos primeiros meses do ano de 1937.⁴⁰

No ano de 38, o início definitivo de sua carreira de sucesso no meio literário, dois de seus textos são publicados na *Nouvelle Revue Francaise* (NRF)⁴¹: *A Náusea* e *O Muro*, o segundo, contém uma temática que leva em conta os acontecimentos dos anos anteriores, a Guerra Civil Espanhola.

Eclode a guerra em 1939, mesmo assim inicia vários projetos, a elaboração de um livro que será considerado a bíblia de seu existencialismo, acabada e publicada somente em 1943 com o título de *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Sartre é mobilizado

⁴⁰ COHEN-SOLAL, *op. cit.*, p. 167.

⁴¹ A maior e mais importante revista de publicações literárias na França, obtendo inclusive, repercussão em grande parte da Europa

como soldado da reserva que era, o autor entra em contato com a prática de estar numa empreitada coletiva, num acontecimento histórico que irá marcar grande parte de sua carreira como intelectual, a resistência aos nazistas durante a Ocupação.⁴²

Porque, como o próprio autor comenta:

(...)Tudo mudou a partir da guerra; quando estive em contato com outros homens, ligados a mim porque eram do mesmo regimento, quando vi como encaravam o mundo, o que poderia acontecer em duas hipóteses, a de que Hitler vencesse, a de que Hitler fosse vencido, eu, que tinha partido para uma guerra de três meses, de seis meses, como todos os franceses, comecei pensar o que significava ser histórico, fazer parte de uma história que se decidia a cada instante por fatos coletivos. Isso me fez tomar consciência do que era a história,. Foi certamente a "drôle de Guerre (Guerra Esquisita), isto é, o estar diante de dois exércitos; que praticamente não se mexiam, que me abriu os olhos."⁴³

⁴² No sentido de perceber as angústias e o contato indiscriminado com outras pessoas, para além de seu círculo de relações pessoais, e apontamentos do que seria a sua primeira grande obra (*O Ser e o Nada*), o diário publicado após sua morte, torna-se esclarecedor: SARTRE, J.-P. *Diário de uma Guerra Estranha: 1939-40*. São Paulo: Nova Fronteira, 1983.

⁴³ BEAUVOIR, *op. cit.*, p. 257. Em trechos seguintes ele relata sua mobilização, prisão e libertação, e a tomada de consciência de que seria preciso adotar uma postura mais atuante em relação a política, daquele momento em diante.

CAPÍTULO 2

1. - HISTÓRIA E LITERATURA.

Tendo como proposta a análise de uma obra de Sartre, deve ser observado que a obra em questão encontra-se permeada pelos acontecimentos cotidianos daquele momento, tornando-a datada e situada. Porque o ato de escrever está intimamente ligado a ação e pensamentos do autor:

... Ação e pensamento não podem ser isolados um do outro, pois se originam num mesmo movimento em que um determinado sujeito constitui e é constituído na história e um texto sempre é algo produzido tanto para manifestar um pensamento quanto para acompanhar uma ação (ele mesmo já é ação).⁴⁴

Essa idéia, acompanhada da percepção de que nossa escolha parte da subjetividade, delimita um recorte pelas obras e nosso olhar sobre o *corpus* documental, temos a certeza de que as condições de análise estão para além do documento e não ficam restritas as interpretações do historiador. Procuramos a partir daí estabelecer uma relação dialógica limitada tanto em relação a realidade que desejamos apreender quanto em relação as respostas que nosso objeto é capaz de fornecer.

Nessa perspectiva surgem direções dentro da pesquisa, salientadas por Jean Starobinski quanto,

⁴⁴ MARSON, Adalberto. Reflexões Sobre o Procedimento Histórico. In: SILVA, M A da (org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.p.50.

*...a realidade a aprender, o ser ou o objeto a conhecer e seus limites no campo de investigação dando a definição mais ou menos explícita do que convém explorar...*⁴⁵

Por isso o estudo da literatura de Sartre em apenas uma obra, porque ela apresenta-se como um problema e pode ser tratada como uma literatura que já apresenta um início de engajamento, pois há em suas temáticas um posicionamento diante dos acontecimentos políticos e sociais do momento (1938) em relação ao país vizinho. O seu conceito de engajamento literário será desenvolvido posteriormente, como uma radicalização aos acontecimentos ocorridos na 2ª Guerra.⁴⁶

2. LITERATURA ENGAJADA FRANCESA NO ENTRE GUERRAS.

Durante o período do entre guerras (1919-38), os escritores reivindicam um papel institucional e político para a literatura, no cenário nacional francês e no mundo. O engajamento surge mais uma vez como possibilidade e reação aos acontecimentos catastróficos da 1ª Guerra, onde os antigos sistemas políticos liberais não conseguiram resolver as contradições sociais, políticas e econômicas do sistema capitalista industrial europeu iniciadas na segunda metade do século XIX. Conciliar a política com a atividade literária será o grande desafio dos escritores durante esse período conturbado. O trauma da guerra é um dos motores dessa guinada no campo literário; pois a sociedade européia jamais imaginou um desastre de tamanhas proporções em suas

⁴⁵ STAROBINSKI, Jean. "A Literatura: o texto e seu interprete". In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 132.

⁴⁶ Seu manifesto sobre a literatura e a função do escritor, será lançado em primeiro lugar na sua revista criada em 1945, *Les Temps Modernes* (Os Tempos Modernos), depois publicado em 1948 no *situações II*. Esse manifesto se divide em 3 partes: Que é escrever? Por que

implicações éticas e morais, onde o massacre de vidas se realizou na mesma intensidade da produção industrial.

A revolução de 1917 na Rússia e seu desenrolar, também ilumina o horizonte desse entre guerras com uma possibilidade de uma nova sociedade, em contraposição a uma sociedade capitalista saturada e com desigualdades sociais gritantes. Esse modelo de sociedade irá sair mais fortalecido ainda após a grande depressão de 1929 e início dos anos 30.⁴⁷

O crescimento dos fascismos na Itália e Alemanha revelam uma tendência política dessa crise, pois eles obtêm o poder manipulando a insatisfação das massas trabalhadoras diante das crises econômicas da grande depressão, centralizando suas aspirações num Estado totalitário⁴⁸. Na França o representante dessa linha política é a *Ação Francesa*, que de início possuía uma tendência política monarquista e conservadora, mas com os ascensão da esquerda na França, adota o fascismo como recurso para se contrapor ao comunismo. Publicavam textos de enfoque panfletário e racista, sendo uma das linhas literárias que se contrapuseram ao comunismo como possibilidade para aquela sociedade em crise. Tem sua representação na figuras de Pierre Drieu La Rochelle e Robert Brasillach.

escrever? E Para que se escreve?. Esse manifesto faz uma relação entre o momento em que se encontrava a França e as raízes históricas que justificam o engajamento do escritor.

⁴⁷ HOBBSBAWM, Eric J.. *A Era dos Extremos: o breve século XX; 1914-1991*. 2ª ed.. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.

⁴⁸ HOBBSBAWM, *op. cit.*

(...) O fascismo portanto teve os seus escritores na França, do mesmo modo que a propaganda nazista, assim como a soviética, soube adular os intelectuais, convidando-os a irem admirar as realizações do Reich.[...] [...] É graças a eles que os alemães puderam ativar uma eficaz política de colaboração intelectual durante a Ocupação – esse período foi também, para alguns desses escritores, o momento de uma tomada do poder literário.⁴⁹

Esse início de polarização será marcante nas décadas seguintes, acirrando os ânimos no meio intelectual francês, um país que saiu vitorioso do grande confronto, mas que nos anos seguintes sente a fragilidade da paz conseguida, através da humilhação do país vizinho, e cujas raízes históricas revelam conflitos constantes já denotam o caráter transitório da paz conseguida. A Linha Maginot, uma monumental construção defensiva, representa esse caráter, ela barraria de vez o agressor alemão, mas revelou-se inútil diante da evolução das armas e técnicas de guerra dos exércitos, principalmente do vizinho beligerante.⁵⁰

O movimento literário de vanguarda Surrealista surge na França em 1924 nas figuras de André Breton e Louis Aragon⁵¹, como alternativa ao sentimento comum do entre guerras (o descrédito no modelo de sociedade que levou a Europa à guerra). Definido como uma reação anti-literária, isto é, contra a literatura que se transformara em instituição, sua dimensão política ganha contornos mais precisos quando se alinha nas fileiras do PCF em busca de ser o representante literário da revolução. Com a sua opção pelo realismo

⁴⁹ DENIS, Bernoît. *Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 263-264. Segundo Jean Touchard, o caráter do fascismo francês manifestou-se através de escritos literários. Ver: TOUCHARD, Jean. *História das idéias políticas*. Lisboa: Europa-América, 1970. p. 121.

⁵⁰ Ver: WILLIAMS, John. *França – 1940: a catástrofe*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

⁵¹ Ver: NADEAU, Maurice. *História do Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985. Uma descrição sobre o movimento e sua evolução. E para o conteúdo de suas propostas ver: BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. 4ª ed. Lisboa: Moraes, 1985. Os manifestos do Surrealismo são o exemplo de que a arte se pretendia engajada, mas que vacilavam entre uma postura de contestação autônoma e a inclinação em ser o braço cultural do regime socialista oficial.

socialista sua possibilidade como literatura “autônoma” dos sistemas políticos dominantes é frustrada, mas não cabe aqui definir essas posições, pois na pesquisa esses fatos apenas situam o ambiente em que nasce a literatura sartreana.

E nesse momento, André Gide é a eminência parda da literatura francesa e do engajamento literário, escritor de renome e fundador da NRF e obtendo o apoio do editor Gaston Gallimard. Gide tornou-se um verdadeiro guia espiritual da literatura no período entre guerras, mas existe uma problemática referente aos escritores desse momento, que ele representava como salienta Bernoît Denis:

(...) A trajetória de Gide é emblemática, porque ela mostra como, para os escritores consagrados dessa geração [entre guerras], o engajamento foi uma tentação impossível, que os obrigava a fazer a grande separação entre uma concepção purista da prática literária e um desejo de intervenção na vida política, para a qual eles não estavam preparados.⁵²

O contexto em que surgem os primeiros escritos literários dará a Sartre seu renome. O Contexto da Europa ameaçada pela política do fascismo alemão e italiano, pelo surgimento de Frentes Populares com a coalizão de partidos de esquerda e centro, na Espanha e na França, conseguindo vitórias expressivas e chegando ao poder em 1936. Mas essas Frentes não conseguem se manter por muito tempo no poder. Leon Blum seria eleito o primeiro presidente de um governo socialista na França, e devido a sua inabilidade em administrar os movimentos grevistas dos operários perde o poder em 1938. Ao mesmo tempo se intensificam os expurgos políticos na União Soviética.

Eles representam o cenário do início da carreira em que o autor planejava alcançar o estrelato, criando uma obra que não tivesse o cunho realista do momento, que representasse uma ruptura com os moldes da velha

literatura francesa, seus romances seriam de tese devido às correntes literárias daquele momento apontarem para essa tendência. Sobre esse aspecto, Denis comenta que

*(...) trata-se de uma forma de narrativa autoritária, que pretende provar e impor um sentido que seja o mais unívoco possível; a visão do mundo que orienta a narrativa deve ser clara, não ambígua e explícita. Por outro lado, essa tese se expõe pela ficção realista e, desde então, a sua autoridade e a sua credibilidade repousam apenas na verossimilhança da narrativa ela mesma, quer dizer, na conformidade referencial da história narrada. Diferentemente do texto utópico, que possui uma liberdade quase ilimitada de construir o real à sua vontade, o romance de tese se encontra, portanto, sujeito a essa necessidade de verossimilhança, o que circunscreve a sua margem de manobra e constitui a marca própria desse empreendimento literário.*⁵³

Portanto existem correntes literárias de relevância quando Sartre surge no cenário cultural francês. A vanguarda surrealista, que buscava novas formas de experimentação mas que aos poucos se desfez quando da sua cooptação pelo regime soviético, a grande literatura burguesa prestigiada na NRF, com uma matiz tímida de política representada por Gide, e os fascistas da Ação Francesa, sendo que uma das figuras de maior renome seria Drieu de La Rochelle.

⁵² DENIS, *op. cit.*, p.247.

⁵³ DENIS, *op. cit.*, p. 277

Todas essas polarizações da literatura possuíam um comprometimento. Mas algumas, caindo nas malhas de uma doutrina e política e ideológica de partido e outras embrenhando-se no engajamento por conveniência. Estas últimas lutando contra a derrocada da grande Literatura, se querendo ao mesmo tempo imortais e combativas. Esse quadro permite a Sartre, esboçar uma década mais tarde, sua tendência literária em relação àquela situação:

*(...) Divididos entre a distinção literária da NRF e o dogmatismo político da literatura militante, esses autores não conseguiam impor duradouramente a sua presença coletiva. E isso, sempre segundo Sartre, porque eles praticavam uma literatura de "situações medianas" (outro nome, em suma, de uma literatura de boa vontade), quando era preciso se fazer uma literatura de "situações extremas".*⁵⁴

Diante desses movimentos na literatura, a Guerra civil Espanhola torna-se um dos grandes temas adotados pelos escritores engajados. Esses autores deixaram uma vasta bibliografia sobre esse episódio, Otto Maria Carpeaux comenta sobre a chamada "literatura de ação" e cita alguns dos principais escritores que abordam este tema.⁵⁵

Dentre os autores de maior renome que ingressaram nesta seara estão George Orwell, em *Homage to Catalonia* (*Homenagem a Catalunha*), abordando o romantismo revolucionário e as dificuldades da Frente Republicana; Arthur Koestler, em *Spanishes Testament* (*Testamentos Espanhois*), relatando a ferocidade e a angustia da morte que rondava seus participantes; Nordhl Grieg, em *Spansk Sommer* (*Verão Espanhol*), a guerra diante da neutralidade inglesa e francesa. Pablo Neruda dedica um livro inteiro à Espanha com o título, *España en el Corazon* (*Espanha no Coração*); Malraux combateu nos ares espanhóis e escreveu *Espoir* (*Esperança*).

⁵⁴ DENIS, *op. cit.*, p. 257.

⁵⁵ CARPEAUX, Otto Maria. Literatura e Realidade: Tendências Contemporâneas- um esboço. In: *História da Literatura ocidental*. v.VII. Rio de Janeiro: edições O Cruzeiro. Fev. 1966. P. 3279-3282.

É nesse momento que um escritor estreante escreve um conto que aborda a Guerra Espanhola. Sartre como iniciante, deixaria sua atenção e observação sobre esse acontecimento de forma particular, contribuindo para o acréscimo da literatura de forma *sui generis*. Sua abordagem fala dos desdobramentos de um fuzilamento de resistentes Republicanos. A filosofia serviria de arma para uma construção do personagem de forma profunda, colocando a angústia do momento do fuzilamento, em contrapartida a decisão de não delatar seu companheiro.

Em *O Muro* encontramos elementos que deixam transparecer o Sartre engajado, não somente pela sua opção, contar o acontecimento ao lado dos Republicanos, visto que lutavam contra Franco e os fascistas. Mas também, pelo fato de sua obra abordar um tema a que ele recorrerá posteriormente: a tortura. É claro que nesse conto ela está exposta como prática que é possível, já em *Mortos Sem Sepultura* de 1947, que aborda a resistência francesa, tortura e assassinato dos resistentes, e em *Os Sequestrados de Altona* de 1959, quando também denuncia essa prática na Argélia.

A literatura existencialista sartreana estaria intimamente ligada ao humor da libertação e a catarse francesa contra os anos de Ocupação Nazista, juntamente com o novo quadro que se formado no cenário mundial (bomba atômica, questão do Terceiro Mundo e sua descolonização, Guerra Fria), que irá estabelecer o campo de lutas políticas que Sartre abraçará.

3. O MURO (1938).

O Muro é um dos poucos contos publicados por Sartre e que esboça a característica de suas primeiras obras. Trata-se de uma obra que explicita a *Contingência* de uma situação humana no mundo. Seu personagem central,

Pablo Ibbieta, é preso durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)⁵⁶, é interrogado para delatar seu companheiro; não delata seu esconderijo, mas decide protelar seu fuzilamento enganando os falangistas, pois está convencido de que irá morrer, dá a localização de um falso esconderijo, que era utilizado pelo grupo resistente.

Aguardando o retorno dos guardas e seu posterior fuzilamento ele recebe a notícia de que naquele local, Ramón Gris, seu companheiro de causa, fora emboscado e morto devido a uma mudança de última hora. Pablo entra em estado de choque devido ao fato de uma mentira que apenas teria retardado sua morte iminente e colocado os guardas no ridículo, impedir seu fuzilamento tornando-se verdade.

O *Muro* trata de uma temática que mobilizava a sociedade francesa em seus setores de esquerda nos anos que se seguiram a Guerra Civil Espanhola, com a formação de grupos para a Brigada Internacional⁵⁷ contra os partidários de Franco. Temos no Sartre desta obra o acontecimento como pano de fundo para uma *situação-limite*, isto é, a iminência da morte de um resistente, que mediante a promessa de liberdade em troca da delação de seu companheiro, que explicava a *Contingência*.

No enredo do conto é revelada uma construção da trama relaciona os fatos ocorridos a uma conclusão que foge ao controle do personagem. Os acontecimentos prisão, interrogatório, possibilidade de tortura, remetem a esse final : a morte por fuzilamento. O personagem busca retardá-lo, mesmo sabendo que o desfecho irá se cumprir. Mas em meio àquela *facticidade*,

⁵⁶ Sobre a Guerra Civil Espanhola, ver: GIBSON, Ian. "A República, A Guerra Civil e o Regime de Franco (1931-1975)". In: *A Nova Espanha*. São Paulo: Globo, 1992. p. 47-62. E também : MATTHEWS, Hebert Lionel. *Metade da Espanha Morreu: uma reavaliação da Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

⁵⁷ Ver: MATTHEWS, Herbert Lionel. "Intervenção....". In: *op. cit.*, p. 134-155. Nesse trecho do livro o autor, relata a postura adotada pela União Soviética em relação à Guerra Civil. Em seu primeiro movimento ela vacila diante da intervenção da Alemanha e da Itália, mas num segundo momento organiza a ajuda aos Republicanos. Porém, de forma menos incisiva do que os países fascistas.

elementos exteriores a seu controle e conhecimento, prorrogam a sua vida, levando ao desfecho a *Contingência* que Sartre dá a tese de sua obra.

Existem temas recorrentes em sua literatura posterior que confirmam a obra *O Muro* como um marco possível do engajamento a partir de 1938. Sua participação como escritor em temas da contemporaneidade está posta nessa obra: a Guerra Civil Espanhola mesmo que em nível individual (as visões e necessidades de um personagem), deixa transparecer a sua principal conduta adotada no período pós guerra, ser radicalmente contra o fascismo.

Sartre considera que a urgência do texto engajado não requer preocupação com a permanência ou não da obra para a posteridade, e sim a sua eficácia no agora é que tem importância porque,

(...) quando escrevemos um texto engajado, preocupamo-nos inicialmente com o assunto de que vamos tratar, com os argumentos que temos que dar, com o estilo que tornará as coisas mais acessíveis, mais percucientes para os contemporâneos, e não nos preocupamos em pensar o que valerá o livro quando não fizer mais ninguém agir.⁵⁸

Annie Cohen-solal dá em sua obra uma periodização do engajamento literário sartreano marcado pelo acontecimento da 2ª Guerra. Mas a própria autora diz:

(...) dois textos já deixam antever pela primeira vez a atenção de Sartre com os problemas históricos da época. Sucessivamente, na coleção lançada em fevereiro de 1939: "O Muro", "O Quarto", "Erostrato", "Intimidade", "A Infância de um Chefe", com exceção dos três contos centrais- pequenos sainetes magistrais marcados por feroz patologia- , o primeiro e o ultimo mostram perfeitamente a influência crescente dos acontecimentos políticos sobre o escritor.⁵⁹

⁵⁸ BEAUVOIR, *op. cit.*, p. 236.

⁵⁹ COHEN-SOLAL, *op. cit.*, p. 175.

E sua participação política irá aumentar gradativamente a partir da 2ª Guerra. Porém ao entrar em questões que abordam os posicionamentos posteriores do autor, observamos um Sartre que ainda se interessa pela questão da Guerra Espanhola (em *A Idade da Razão*, os personagens estão a todo momento se deparando com o fato de que existe uma guerra civil no país vizinho).

Simone de Beauvoir comenta que os acontecimentos na Espanha ocuparam a atenção do casal durante seus momentos mais trágicos. Na entrevista que Sartre deu em 1974, ele coloca o fato do acontecimento ter sido marcante na sua vida não só pela importância social e política, mas também por ligar alguns de seus amigos mais próximos, como o demonstrado nesse diálogo:

(...) S. de B. - Depois, houve a guerra da Espanha que o tocou.

J-P. S. - Que nos tocou: a você também, houve o engajamento de G rassi, o que também nos ligou àquilo.⁶⁰

Este fato demonstra que *O Muro*   o início de seu empenho numa causa que toca outros povos, sendo o começo de seu engajamento literário, e diante dos acontecimentos políticos e sociais que estão postos na história. Posteriormente temos uma defini o de que o general Franco tinha angariado as simpatias e apoio dos fascistas pelo seu caráter golpista contra as forças populares e de esquerda. Ele ligou-se intimamente a esse sistema político, para eliminar a oposi o Republicana entre 1936 e 1939, depois instaurou uma ditadura que se prolonga até 1975⁶¹

Mas a mobiliza o das forças internacionais que ocorre na Espanha, daria para antever uma perspectiva do confronto dessas forças em escala

⁶⁰ BEAUVOIR, *op. cit.*, p. 521.

⁶¹ Para uma observa o dos desdobramentos da Guerra Civil Espanhola no mundo, ver: HOBBSAWM, Eric J. . "Contra o Inimigo Comum". In: *op. cit.*, 1999. p. 157-164.

mundial. Sartre posiciona-se diante destas situações utilizando também a crítica à juventude que se constrói autoritária em *A Infância de um Chefe* na mesma época.

O *Muro* surge como problemática em relação a seus caminhos posteriores devido à sua coerência no universo de entendimento da literatura engajada, mas ao mesmo tempo esse Sartre moldado pela experiência da guerra, deixa transparecer uma possibilidade para o engajamento, apesar da obra ter sua tese central na questão filosófica da *Contingência*.

Ao abordar um acontecimento que mobiliza seus contemporâneos, traça o imperativo de que seu personagem não denunciaria seu companheiro por vontade própria, o fuzilamento de inocentes e algumas nacionalidades que entrarão no confronto mundial. Então vamos nos ater as questões que o muro nos propõe:

3.1. - TESE DA CONTINGÊNCIA.

A tese da *Contingência* leva nosso personagem às indeterminações que fogem de seu controle sobre os acontecimentos e as possibilidades para além de seus atos. Essa tese do conto, coloca frente a frente duas posições antagônicas na conduta do prisioneiro de guerra, a delação e a resistência em não denunciar seu companheiro de luta. O personagem central, Pablo Ibbieta, recebe a proposta dos falangistas:

(...) *A sua vida pela vida dele. Ficará livre se disser onde ele está.*[Pablo retruca] *Não sei onde esta Gris (...)* *Pensava que estivesse em Madri.*[Mas ele confessa ao leitor] *Naturalmente eu sabia onde estava Gris; escondera-se em casa de seus primos, a 4 Km da cidade.*⁶²

⁶² SARTRE, Jean-Paul. *O Muro*. 12ª ed. . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 30.

Uma atitude heróica diante da morte que daria margem para a tese *Contingência*. A partir do momento em que decide protelar o seu fuzilamento, indicando um falso esconderijo de seu companheiro, o acaso toma conta de seu destino. Então, Pablo diz: *“Sei onde ele está. Está escondido no cemitério, em um túmulo ou na cabana dos coveiros”*.⁶³

O personagem se delicia com a imagem dos guardas procurando túmulo por túmulo, não encontrando nada e voltando cansados. Procurando seu companheiro e deparando-se com o fim inevitável de todos os homens nos túmulos, os que estão sendo fuzilados e seus algozes. Mas é um futuro que o personagem não controla. Sartre demonstra isso diante do desfecho do conto, a parte filosófica de sua obra permanece aí, na *Contingência* do mundo.

O personagem estranha quando um dos soldados retorna, transfere-o para um pátio onde estão outros prisioneiros, adiando seu fuzilamento. Quando recebe de um conhecido, recém chegado, a notícia de que:

(...) Pegaram Gris.(...) - Esta manhã. Ele fez besteira. Deixou o primo Terça feira porque tiveram uma briga. Não faltaria quem se dispusesse a escondê-lo, mas ele não queria comprometer ninguém. “la me esconder na casa do Ibbieta” – disse ele – “mas como ele foi preso, vou me esconder no cemitério”.⁶⁴

A *Contingência* coloca um desfecho onde o mundo não é passível de controle. Essa é uma das diretrizes da filosofia existencialista, baseada no conceito de *Dasein* (*Ser-aí, Estar-aí*), originário da filosofia de Heidegger: ser jogado no mundo como todas as outras coisas, e ser tão gratuito quanto elas. A decisão colocada diante do mundo não é absoluta e autônoma, pois os acontecimentos para além das imposições morais, podem retirar todo o seu

⁶³ SARTRE, *Op. cit.*, 1986. p. 31.

⁶⁴ SARTRE, *op. cit.*, 1986. p. 33.

sentido. Estar no mundo é dar sentido a ele, e receber sentido do mundo ao mesmo tempo.⁶⁵

3.2. - CENAS DO FUZILAMENTO

A certeza da morte retira todo o sentido da vida

Uma sensação de que tudo o quanto se faz não tem sentido, o mundo parece absurdo. Esse absurdo do mundo nos é dado através do personagem central, Pablo Ibbieta. Quando sua vida perde o sentido diante da morte, tudo o quanto fizera até aquele momento perde todo o sentido, diante da impossibilidade de continuidade da vida. Essa negação da vida como possibilidade futura, deixa Pablo imobilizado diante do mundo:

(...) Nesse momento pareceu-me ter toda a vida pela frente e pensei: "É uma grande mentira." Não valia nada, pois havia acabado. (...), a morte porém, roubava o encanto de tudo.⁶⁶

Em trecho seguinte, Pablo continua:

(...) No estado em que me achava, se viessem me avisar que eu poderia voltar tranquilamente para casa, que a minha vida estava salva, ficaria indiferente; algumas horas ou alguns anos de espera dão na mesma, quando se perdeu a ilusão de ser eterno.⁶⁷

⁶⁵ ABBAGNANO, Nicola. "Existencialismo". In: *História da Filosofia*. 4ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993. p. 127-204.

⁶⁶ SARTRE, *op. cit.*, 1986. p. 24.

⁶⁷ SARTRE, *op. cit.*, 1986. p. 26.

Um dos condenados ao fuzilamento e membro das Brigadas Internacionais, Tom Seinbock, naquele momento crucial ainda consegue pensar em quantos havia matado:

(...)Tom começou a falar: - Você liquidou uns sujeitos, não? – perguntou-me.[à Pablo]...Não respondi. Ele então começou a explicar-me que havia liquidado seis desde o início do mês de agosto; não se dava conta da situação e eu percebia que ele não “queria” dar-se conta...⁶⁸

Depois ele fica imerso no drama da espera do fuzilamento. No momento angustiante da espera pelo fuzilamento e abandona a sua postura, vai cada vez mais compreendendo a situação em que está: a espera do fim da sua vida pelas armas dos falangistas.

A ferocidade da Guerra.

A Guerra é colocada quanto aos acontecimentos que envolvem todos os personagens na brutalidade da situação. Uma das razões para Sartre colocar a sua literatura em consonância com a situação da Espanha naquele momento está na ferocidade da luta e dos massacres que foram praticados, por ambos os lados.

(...) Execuções em massa de prisioneiros eram realizados dos dois lados, com uma ferocidade que parecia confirmar para o mundo a reputação de fanatismo dos espanhóis. Muitos estrangeiros perderam a vida....⁶⁹

Nessa temática como já foi dito, encontramos vários autores que relataram os acontecimentos na Espanha pela experiência em combate ou pela

⁶⁸ SARTRE, *op. cit.*, 1986. p. 14.

⁶⁹ GIBSON, *op. cit.*, p. 58.

sua simpatia à causa dos Republicanos. Sartre diferencia a sua obra através do fundo filosófico que ata a trama. A permanência do indivíduo, imerso numa ciranda de sentimentos de morte, retirando o seu desejo de viver em momentos.

Não importa o que se faça, em última instância quem decide agir, aceitar ou resistir, para Sartre, é o indivíduo. É esse indivíduo sartreano angustiado, e sabendo que a morte nega todas as possibilidades de sucesso no fim. Somente ele quem define sua vida, pois não há caminhos pré-estabelecidos. A filosofia de Sartre no momento revela uma das razões, para a sua postura refratária à militância efetiva.

O fuzilamento de inocentes

Juan Mirbal, é o inocente, ele está no meio da confusão por ser irmão de um militante:

(...) - É meu irmão José que é anarquista – disse Juan. – Os senhores sabem muito bem que ele não está mais aqui. Eu não pertenço a nenhum partido, nunca me meti em política.⁷⁰

Pablo numa conversa com tom deixa claro o fato de Juan, ser inocente da acusação que fizeram aos dois (ter dinamitado um paiol de munições dos falangistas): *(...) - Eles não tem nada contra Juan, ele é apenas o irmão de um militante.⁷¹*

Sartre deixa claro que estão matando indiscriminadamente, realizando uma carnificina. Nessa guerra não importa se dentre os presos existam civis inocentes. Eles são condenados ao fuzilamento sumariamente.

⁷⁰ SARTRE, *op. cit.*, 1986. p. 10.

⁷¹ SARTRE, *op. cit.*, 1986. p.11.

Brigadas Internacionais x colaboradores

Tom Steinbock faz parte das Brigadas Internacionais, forma da esquerda militante mundial contrabalançar as forças dos falangistas, ajudadas pela Alemanha e pela Itália. O massacre dos que participaram dessa brigadas foi em grande escala. (...) *Mais de 40 mil jovens estrangeiros de mais de cinquenta países acabaram indo lutar e muitos morrer num país sobre o qual provavelmente não conheciam mais que o mapa do atlas da escola.*⁷²

O médico belga é um dos colaboradores estrangeiros, ele representa a figura do que se colocou fora do fuzilamento, um vivo entre os habitantes mortos da cela, cujos moradores veio “assistir”. Sua presença é encarada com ódio por Pablo, quando o belga chega a cela o personagem diz:

*(...) - O senhor não veio aqui por compaixão. Aliás, eu o conheço. Eu o vi com os fascistas no pátio da caserna no dia em que nos prenderam.....*⁷³

Diante destas questões o conto deixa transparecer na tensão dos prisioneiros e também de uma sociedade onde estava posto o embate de forças políticas antagônicas.

⁷² HOBBSAWM, *op. cit.*, 1999. p. 161.

⁷³ SARTRE, *op. cit.*, 1986. p.15.

CONCLUSÃO

Se a politização de Sartre é definida através de seu escrito *Que é a Literatura?*, deixando as bases para sua literatura comprometida, então podemos situar *O Muro* como uma pré politização de sua literatura. Esse texto só é possível de ser compreendido em toda a sua pertinência, se atentarmos para o momento específico que a Europa passava, ascensão dos fascismos e a derrubada de um governo de coalizão entre as esquerdas na Espanha (Frente Popular), com a ajuda italiana e alemã. As paixões revolucionárias envolvidas no momento tendo como fruto o apoio (mesmo que tímido) da União Soviética a outro governo de esquerda constituído legalmente organizando uma Brigada Internacional na defesa dos Republicanos.

O Muro marca o início da preocupação de Sartre com as questões políticas do momento na sua literatura. O escrito nomeia os atores sociais em conflito e deixa claro a posição adotada pelo autor diante dos acontecimentos na Espanha a favor dos republicanos. Se a obra de Sartre não está situada com uma descrição densa dos personagens, isto se deve ao fato da sua escrita não se preocupar com a profundidade descritiva do ambiente, para não delimitar as possibilidades de compreensão de seu conto. Ele solicita a liberdade do leitor, e é esse leitor que interpreta a intensidade da angustia dos personagens naquela situação e momento da história. Situações que exijam uma tomada de posição é um dos elementos da literatura sartreana.

Como escritor, Sartre se posiciona diante dos acontecimentos. Numa obra posterior ele irá resgatar esse ambiente do ano de 38 na França, como uma reavaliação da ausência efetiva dos franceses nesse confronto, essa obra seria *A Idade da Razão* de 1945. Essa obra em especial, tem a pertinência de resgatar os personagens que formaram o quadro social da França durante a Ocupação Nazista (1940-1944): o colaborador, o militante resistente, o fascista e aqueles que estavam alheios a toda a política.

Neste trabalho procuramos resgatar a importância desta literatura engajada como forma de se refletir sobre a história política e cultural do século XX. Nesse sentido *O Muro* tem a sua pertinência ao mostrar a Guerra Civil Espanhola a partir do indivíduo imerso em acontecimentos que não consegue controlar. E esta guerra foi o prelúdio da maior guerra em escala mundial conhecida até hoje por nós, indivíduos e ao mesmo tempo agentes sociais.

BIBLIOGRAFIA:

ABBAGNANO, Nicola. Existencialismo. In: *História da Filosofia*. 4ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993. p. 127-204.

BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita*. Lisboa: edições 70, 1997.

BENJAMIM, Walter. O autor como Produtor. In: *Magia e Arte, Técnica e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas). v 1. p. 120-136.

BEAUVOIR, Simone de. *A Cerimônia do Adeus, seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre (agosto/setembro de 1974)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. 4ª ed. Lisboa: Moraes, 1985.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARPEAUX, Otto Maria. Literatura e Realidade: tendências contemporâneas- um esboço. In: *História da Literatura Ocidental*. v. VII. Rio de Janeiro: edições O Cruzeiro. Fev. 1966 . p. 3257-3552.

CHÂTELET, François. O Século XX : os existencialismos. In: *História da Filosofia: idéias e doutrinas*. v.8. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 202-237.

COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre*. Porto Alegre: L & PM, 1986.

DENIS, Bernoît. *Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.

GIBSON, Ian. A República, A Guerra Civil e o Regime de Franco (1931-1975). In: *A Nova Espanha*. São Paulo: Globo, 1992.

GILES, Thomas Ranson. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. v. II. São Paulo: EDUSP, 1975.

HOBSBAWM, Eric J. . *A era do Impérios: 1875-1914*. 5ª ed. . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *A Era dos Extremos: o breve século XX; 1914-1991*. 2ª ed. . São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.

JAMESON, Fredric. Interpretação: a literatura como ato socialmente Simbólico. In: *O Inconsciente Político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: 1992. p. 15-103.

LÉVY, Bernad-Henri. *O Século de Sartre: inquérito filosófico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MACIEL, Luiz Carlos. *Sartre: vida e obra*. 5ª ed. . São Paulo: Paz e terra, 1986.

MARSON, Adalberto. Reflexões Sobre o Procedimento Histórico. In: SILVA, M A da (org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.p. 37-64.

MATTHEWS, Hebert Lionel. *Metade da Espanha Morreu: uma reavaliação da Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

NADEAU, Maurice. *História do Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

SARTRE, Jean-Paul. *O Muro*. 12ª ed. . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 (c1938).

_____. *Diário de uma Guerra estranha: 1939-1940*. São Paulo: Nova Fronteira, 1983 (c1981).

_____. *A Prostituta Respeitosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961 (c1946).

_____. *Em defesa dos Intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994 (c1965).

_____. *Que é a Literatura?*. 2ª ed. . São Paulo: Ática, 1993 (1946).

_____. *Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 a (c1946). p. 09-38. (col. Os Pensadores).

_____. *Questão de Método*. São Paulo: Abril Cultural, 1973b (c1957). p. 115-197. (col. Os Pensadores).

_____. *As Palavras*. São Paulo: DIFEL, (c1963).

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2ª ed. . São Paulo: Brasiliense, 1985.

STAROBINSKI, Jean. A Literatura: o texto e seu interprete. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 132-143.

WILLIAMS, John. *França – 1940: a catástrofe*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.